

As decepções que
me ensinaram

Ubiratã Pinto

AS DECEPÇÕES QUE ME ENSINARAM
(Romance)

Ubiratã Pinto
1ª Edição
1993

O autor:

Ubiratã nasceu em Salvador – BA, no ano de 1974. Aos 21 anos de idade, deixou a sua amada terra, seu reduto e seus amigos e parentes, e partiu para Minas Gerais, onde concluiu esta obra que começou e praticamente terminou aos 16 anos de idade. Uma obra linda, que brotou ao som de Janis Joplin e Ângela Rô Rô, que ele ouvia em uma fita K7. Muitas linhas foram escritas as margens da praia de Ondina, em dias de muita chuva, em que ele se inspirava numa das maiores obras da natureza terrestre, o mar, ao mesmo tempo que encontrava paz, na ausência de pessoas naqueles momentos. De acordo com ele mesmo, todos os personagens deste livro, carrega algo de sua natureza e emoção. As decepções narradas, foram escritas como ficção, mas foram reais. Não diretamente como narrado, pois os motivos foram outros, mas a dor da personagem é a dele. Parece difícil acreditar que alguém com 16 anos de idade já tenha experiência o suficiente para escrever um livro tão complexo como este. Com uma pureza monstruosamente pesada, explícita; violenta; sensivelmente marcante. Este é o tipo de livro que costumo aconselhar a não ser lido por ninguém. Ele é perturbador, questionador... tentador. Entre momentos de tristezas, choros, tesão e até mesmo uma pitada bem pequena de humor, você com certeza, se identificará com umas das mil faces apresentadas nestas linhas discretas e não acadêmicas que como um vírus, possuirá sua vida e mexerá com sua consciência. “Acredite, isso pode ser o seu veneno, mas você só saberá se o provar. ” (Raul Seixas).

Ubiratã Pinto



As decepções que
me ensinaram

1ª Parte

Perder-se também é caminho.

-Clarice Lispector-

Ubiratã Pinto

Janeiro de 1989. Nunca me esquecerei daquele maldito ano! Tudo o que aquece minha alma neste instante vem do tenebroso frio que senti naqueles dias que costumo chamar de janeiro negro. Eu tinha uma irmã. Na verdade, ele era mais que apenas uma irmã para mim; ela era uma deusa, fomos criadas separadas por ela ser filha apenas do meu pai, Camilla era uma irmã inexplicavelmente demais, sabia tudo de o que eu precisava, me entendia melhor que ninguém; as respostas vinham de seus lábios com tanta convicção que não abria espaço para questionamento, apesar de ela sempre me induzir a questionar as coisas ao redor de mim. Mas, sua opinião para mim era o que valia, e mais nada.

Janeiro. Ah janeiro, meu Deus! Ela sempre vinha no dia dois do primeiro mês de cada ano. Repudiava as festas de natal e réveillon, achava-as meras estratégias capitalistas para enriquecer os ricos e empobrecer mais os pobres. Eu gostava. Principalmente porque sabia que era a contagem regressiva para tornar a passar três semanas com ela. E só isso me importava.

Nós éramos uma família desordenada. Porém, mamãe sempre mantinha a pose de ser a rainha de um lar tradicional, com: benção mamãe, papai e tudo mais... Meu pai era viúvo da mãe da Milla (era assim que eu a chamava) há exatos dezesseis anos, minha idade naquele ano; o que denota que minha mãe já era amante dele antes do “até que a morte os separe”. Hipocrisia. Era assim que a Milla definia esse tipo de coisa. E eu concordava plenamente. Mamãe, apesar deste passado meio esquisito, era uma mulher forte, decidida e muito bonita. Uma quarentona de tirar o chapéu e que não deixava a desejar

a nenhuma outra mulher mais nova que ela. Meu pai, apesar de uma aparência largada, era um homem simpático, idealista, porem machista. Era fã de tal Luiz Inácio que ele acreditava que um dia iria governar o país e mudar a política econômica; ao que minha mãe ria dele e chamava de “utopia”, coisa e tal. Nossa casa era próxima a um conjunto habitacional nas proximidades da orla marítima de Salvador na Bahia. Éramos de classe média alta. Meu pai tinha um escritório de contabilidade e minha mãe seguia os padrões de Amélia. Eu... ora que falta de educação; deixe-me apresentar: Meu nome é Emillene, Tenho dezesseis anos e uma cabeça oca. Só estou segura quando Milla está por perto. Nunca tomei bomba na escola, falo inglês fluentemente, gosto de música, romântica; mas na presença de Milla eu ouço punk rock, rock in roll, reggae e blues, que segundo ela é o tipo de música que exprime tudo aquilo que está preso dentro da gente, se contorcendo para sair. Milla era alta magra, de pernas bem definidas, pele morena, sempre bem bronzeada, barriga sempre à mostra o que chamava a atenção dos rapazes. Milla já tinha vinte e dois anos de idade naquele ano, mas parecia ter a minha idade, e eu parecia uma pré-adolescente. Não havia desenvolvido nada fisicamente e ainda usava óculos.

Naquele ano, janeiro-negro e maldito, estávamos como sempre, sentadas nas proximidades de um parque onde durante a noite era um antro de viciados, e prostitutas. Mamãe gritou da janela:

-Está quase na hora!

Sempre era assim. Esse era o sinal de que tínhamos mais quarenta minutos antes de entrarmos para dormir. Milla

odiava esse tipo de coisa, mas para não me ver encarcerada sozinha, se submetia ao transtorno também só para me confortar. Milla tinha um namorado que a gente chamava de Jesus Cristo, porque ele existe, mas ninguém o vê. Ela alegava ter vergonha da família quadrada e que o Robson era muito culto para suportar tanta ignorância e a loucura da mamãe. Eu me divertia muito com isso tudo. Levantamos e decidimos dar uma volta ao redor do parque como sempre fazíamos todas as noites. Enquanto andávamos Milla num repente alucinado parou e disse:

- Eu tenho uma curiosidade. Esse parque é lindo durante o dia, mas à noite ele deve ser muito mais excitante!

Meu corpo gelou de pavor, e ri imaginando ser uma pegadinha... engano meu. Era sério.

-Você ficou louca? Esbravejei irritada. -Esse lugar é cheio de pessoas perigosas, viciadas, prostitutas e tudo mais; o que você busca encontrar de excitante em um ambiente assim? Estamos proibidas de entrar aí, então vamos embora.

-Correção, você está proibida de entrar eu não. Vá, eu vou entrar.

E adiantando-se em direção aos portões do parque se precipitou rampa à cima, eu gritei aflita:

-Espera aí eu vou com você.

Talvez essa tenha sido a decisão mais burra da minha vida, mas, no entanto, foi a mais certa; depois daquele dia a minha vida começou a mudar; de mal para pior, de pior para pior até eu ser quem sou hoje. Graças a aquele maldito dia. Já no

interior do parque, nós ainda não tínhamos dado dez passos e eu já queria voltar e ir embora. Milla ria e carinhosamente me chamava de Binha dizendo:

-Larga de ser medrosa, quando que você vai crescer? Quer ser adolescente a vida toda? Um dia você vai ter que se virar que nem eu. Vamos logo me siga.

Pegamos um corredor de pedras entre palmeiras que pareciam gigantes de filmes de aventuras de sessão da tarde; a lua alta era convidativa para uma aventura a beira mar, mas, ali era meio complicado sentir algo além de medo. Assobios saiam do meio das trevas em nossa direção, tão assustadores que agrediam meus ouvidos como alfinetadas; Milla indiferente a tudo aquilo caminhava observando todo o cenário que ela julgava ser majestosa. De repente uma voz um pouco mais próxima de nós que as demais, soltou uma observação tenebrosa, que fez minha alma ir embora e deixar meu corpo sozinho naquele lugar:

-Duas cordeirinhas em meio aos lobos! Que presente divino.

Mediante essas palavras Milla também sentiu o mesmo que eu, mas sendo mais madura e experiente, respondeu à altura: -Eu só estou vendo você. Cadê a outra cordeirinha?

O homem riu sem graça, porem por detrás dele saíram pelo menos uns seis outros, e um deles respondeu a Milla: -Nós somos um rebanho inteiro, meu bem.

E riram ofegante até perderem o fôlego; nesse momento Milla ligou as chaves da ignição da minha inteligência, e pude pegar no ar a sua intenção: -Corre Binha!

Corri. Corri como louca por uma encruzilhada entre palmeiras e plantas que ignoro a espécie. E entre um tropeço e outro achei um esconderijo; quando pensava que estava à salva, lembrei-me: -Milla!?!?!

Eu não sabia o que era pior para mim; ter sido apanhada por eles ou ficar sem saber se Milla estava bem; não resisti à tentação da dúvida e sai gritando feito uma louca: - Milla, Milla!

De repente um braço forte raptou-me pelo pescoço e jogou-me no chão em cima de uma moita de grama seca, olhei assustada porem na esperança de que fosse Milla, olhei ofegante; por pouco não pronunciei o seu nome; não era. Era um homem branco, alto de cabelos curtos, trajando causa jeans desbotada, bota tipo da polícia, camisa branca com o emblema de uma banda chamada vírus 27; e suspensório; no braço esquerdo uma tatuagem com a Bandeira Nacional Brasileira. Fui arrastada, sem condições de defesa, até um barraco velho no meio do mato, lá dentro dei graças a Deus ao ver que Milla estava lá, mas logo percebi que não era tão bom assim. Ela estava nua da cintura para cima deitada em cima de um colchão sujo forrado apenas com um lençol de cor indefinida; o cara que me trouxe disse: -Essa eu peguei! Essa é só minha.

Os outros riram e um deles respondeu: -Essa franga é muito magra. Agora a galinha aqui dá um caldo e tanto!

Meus olhos inundaram de lagrimas, minha boca ressecou; por um momento tive a impressão de minha língua está rachando e de estar salivando sangue. As cenas a que fui exposta são cenas de um filme terror; três homens grandes seguravam

Milla que lutava com toda força, enquanto outro lambia todo seu corpo com a ânsia de um animal sedento, e rasgava toda a sua roupa num ímpeto quase que inconsciente; o meu aprisionador me apertava contra ele enquanto se deliciava com aquela monstruosa cena, me apertava e si contorcia, pressionando o seu pênis duro em minhas costas e tentando alisar minha vagina, só não conseguiu porque a sua mão não a alcançava devido a nossa diferença de estatura. Quando dei por mim outra vez a Milla já estava totalmente despida com as pernas abertas e sendo penetrada por um monstro, enquanto o outro passava o membro em sua boca com a intenção que ela o chupasse no que ela relutou muito mais cedeu. Meu pensamento era e quando chegar a minha hora o que irei eu fazer? Serei forte? Percebi que Milla agora acompanhava aquela sinfonia maligna, acompanhando os movimentos daquele ato, por um momento eu imaginei que ela estivesse gostando, mas logo percebi que era um truque para tirar a atenção deles, e mais uma vez senti as chaves da ignição girar em meu cérebro quando ela virou o rosto para mim com um olhar de apelo; quase pude ouvir o seu pensamento me dizer: -Essa é a tua única chance! Abrace-a.

Não sei como eu consegui forças, mas dei uma pisadela no pé daquele homem que me segurava e escorreguei por baixo de uma mesa saindo de frente para uma janela que sem saber para onde iria dar atirei-me como que numa piscina e percebi a liberdade quando o ar fresco tocou meu rosto em uma queda livre em uma ribanceira de mais seis metros de altura. Bati as costas, rolei, rolei e rolei até parar num montão de sacos de lixo em meio a diversos ratos; durante a queda minha